

Adiante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O AFASTAMENTO DE SALAZAR DO PODER É INDISPENSÁVEL À PACIFICAÇÃO DA FAMÍLIA PORTUGUESA

Salazar, ao desviar o país da sua linha tradicional de evolução democrática, cavou entre o seu regime e a nação um abismo intransponível que só desaparecerá com o seu afastamento do poder.

Em 32 anos de governo, Salazar sacrificou a nação aos interesses duma reduzida camarilha de privilegiados. O salazarismo trouxe a incerteza no dia de amanhã para milhões de portugueses, reduziu a uma quimera a garantia de pão e trabalho, dum lar acolhedor, duma vida decente e digna para aqueles que são os verdadeiros criadores da riqueza nacional.

Mesmo certas classes abastadas foram atingidas num sentido que não favoreceu os interesses das camadas populacionais mais vastas.

Esta política não podia deixar de produzir os seus efeitos. Precisamente, a vida e a história das nações demonstra a cada passo que um regime que contraria os anseios fundamentais do povo tem os seus dias contados. Eis a razão porque a esmagadora maioria dos portugueses deseja ardentemente mudar o rumo da vida nacional e afastar do poder o arquitecto e principal executor dessa ruinosa política — Salazar.

Um regime em decomposição

No momento presente, o facto dominante da situação política na-

NOVA GREVE VITORIOSA EM ALPIARÇA

Depois de uma reunião de representantes de vários ranchos, os trabalhadores de Alpiarça resolveram pedir um novo aumento de 5\$00, isto é, dos 25\$00 conquistados na greve de 8-12 para 30\$00.

Com este objectivo, no dia 4-1, concentraram-se na praça de jornadas cerca de 300 assalariados agrícolas que unânimemente apresentaram aquela reivindicação.

Houve proprietários que logo cederam ante esta unidade e firmeza dos trabalhadores. A maioria, porém, não quiz dar mais de 25\$00 e por isso os operários agrícolas abandonaram a praça, negando-se a trabalhar por esta jorna.

Perante esta firme atitude todos os agrários nessa mesma noite garantiram os 30\$00.

As mulheres também beneficiaram deste aumento, passando de 12\$50 para 15\$00.

Esta nova vitória dos operários agrícolas de Alpiarça mostra a todos os trabalhadores que na luta por aumento de salários a unidade, a firmeza e a persistência conduzem geralmente à vitória.

cional é o da decomposição do regime salazarista, açoiado por todos os lados pela onda da luta e do descontentamento populares.

É já com visível dificuldade que Salazar vai cobrindo as baixas dos que debandam das suas fileiras. Fiéis lacaios do regime, como Castro Fernandes no acto de posse da nova Comissão Distrital da UN, bem se esforçam por intimidar os que os abandonam dizendo-lhes que não há outra alternativa para o desaparecimento do salazarismo senão a desordem.

Esta falsidade já não tem poder para convencer ninguém a não ser os próprios lacaios de Salazar. São manobras de diversão que se destinam a impedir a debandada e a esconder a verdadeira situação do regime.

O governo continua a silenciar completamente a situação dos operários industriais e agrícolas e dos empregados, que está a agravar-se com o aumento do desemprego e do custo de vida.

Isto coloca urgentemente perante estes trabalhadores a necessidade duma luta firme e organizada pelo aumento imediato e geral dos salários, jornas e ordenados, pelo menos numa escala igual ao que foi concedido ao funcionalismo civil e militar.

O desprezo do Governo constituiu uma injustiça tanto mais grave quanto é certo serem muito mais baixas as remunerações dos assalariados da cidade e do campo. A luta pelo aumento dos salários é uma questão vital para os trabalhadores pois o governo salazarista mostra-se não só incapaz de travar a subida dos preços, como está conduzindo, na prática, uma política que levará fatalmente a uma nova elevação do custo de vida.

No mercado dos géneros de primeira necessidade manobra-se já na alta especulação. O que se passa com o azeite é significativo.

Com uma contra-safra baixa e uma diminuta reserva de 10 milhões de litros devido a uma exportação inconsistente, as quantidades de azeite postos à disposição do povo é insuficiente para o consumo nacional ao contrário do que afirma o governo na nota distribuída pelo Sub-Secretário do Comércio à imprensa em Janeiro.

Assim, os armazenistas estão a competir na compra do azeite ao produtor pagando preços mais elevados que os da tabela de venda ao público, segundo a informação do deputado Camilo de Mendonça na Assembleia Nacional.

Isto significa que de novo os

o nosso povo odeia a guerra, é um povo pacífico. Daqui o extraordinário cuidado de Salazar em ocultar, o mais possível, o carácter extremamente perigoso para o País e para o povo da sua política de guerra. Ainda recentemente, quando da visita em fins de Janeiro do sub-secretário de Defesa dos Estados Unidos ao nosso País, nada foi dito sobre os objectivos de sua visita, nenhum comentário foi fornecido à imprensa sobre os resultados das suas conversações com as mais altas autoridades militares do País. Isto aliás foi sublinhado então pelo «Diário de Lisboa».

A violenta repressão contra o povo, as perseguições ao General Humberto Delgado, as tentativas de ilegalização do MNI, as defecções de conhecidos salazaristas, que compreendem a necessidade de não colaborarem mais com o regime, e a posição da Igreja católica, definida na «Carta Pastoral» do episcopado português, são manifestações diversas, mas todas elas significativas, da profunda crise que lavra no seio do regime salazarista, a qual põe rudemente em cheque o reinado político de Salazar.

Tudo isto mostra que Portugal chega ao termo dum longo ciclo da sua história nacional e se encontra no limiar de profundas transformações políticas.

(continua na 2.ª pág.)

Entretanto, não nos parece difícil, apesar de todos os cuidados tomados por Salazar para ocultar do povo o que tramou, concluir de que assuntos se tratou, dado que o cidadão americano vinha de realizar uma série de visitas a vários países da Europa, onde inspeccionou e conversou sobre a instalação de bases para foguetes teleguiados, inclusive na vizinha Espanha. A visita ao nosso País surge enquadrada neste «circuito». Não é difícil pois concluir que este foi um dos assuntos tratados.

Aliás interessa lembrar aqui que se é verdade que os americanos ainda não se instalaram no nosso País (Continente) com armas e bagagens nas bases que lhes interessam, isto não quer dizer que eles não intervenham descaradamente na orientação das nossas forças armadas e que não estejam a ser remodeladas e construídas sob a sua orientação bases para serem

(continua na 2.ª pág.)

SÓ A LUTA ARRANCARÁ DO PATRONATO E DO GOVERNO

O AUMENTO IMEDIATO DOS SALÁRIOS, JORNAS E ORDENADOS

preços vão subir ou se porá em circulação a desagradável mistura com óleo de amendoim que há 2 anos tão bons proventos deve ter dado aos senhores da CUF.

A mentira da «fiscalização» será, como o nosso povo já conhece de sobra, absolutamente inoperante. Os fiscais da Intendência caem sobre o pequeno comércio e deixam em paz os verdadeiros especuladores, os grandes negociantes e armazenistas acobertados nos Grémios e Juntas. Não há, assim, qualquer garantia séria contra a subida dos preços.

Nas lojas e mercados as donas de casa põem as mãos na cabeça e regressam aos lares com a bolsa

vazia e o cabaz mal cheio. Com a sardinha a 10\$00 o quilo, a pescada a 20, as couves a 2\$50 e 4\$00, as tangerinas a 5 e a 6\$00 que outra coisa se pode esperar?

Com Salazar no poder os preços continuarão a subir e a acentuar-se ainda mais o desnível entre estes e os salários.

* * *

Para recuperar à larga a verba a dispendir com o aumento do funcionalismo o governo aumentou excepcionalmente as contribuições e impostos sobre o pequeno e o médio comércio e sobre outros sectores directamente ligados ao

(continua na 3.ª pág.)

BASTA! QUE Cessem os crimes e as TORTURAS DA PIDE

A barbaridade com que Salazar está reprimindo o poderoso movimento nacional que se desenvolve por todo o país para o afastar do poder, fere a consciência de todas as pessoas bem formadas. Nos antros da PIDE, sob as ordens directas de Salazar e do ministro do Interior, Arnaldo Schultz, prosseguem, numa escala sem precedentes, os mais espantosos suplícios e torturas contra os presos políticos.

Para os assassinos da PIDE, capitaneados por Neves Graça, não há sombra de respeito pela vida e pela pessoa humana dos portugueses que caem nas suas garras. Dezenas e dezenas de operários, camponeses, empregados e intelectuais estão a ser submetidos a torturas medievais que fazem lembrar as monstruosidades hitlerianas.

Selváticos espancamentos, dias e dias de «estátua», longos períodos de privação do sono e outras formas de tortura, as mais refinadas, estão a ser levadas à prática contra os patriotas presos. Os democratas Oscar dos Reis e Francisco Pinto, de Sacavém, foram colocados de «estátua» durante vários dias e amarrados pelos testículos à parede para impedir que se sentassem no chão; ao patriota Rogério de Carvalho aplicaram o suplício das gotas de água quente e fria nos ouvidos; o valente mineiro do Lousal, Manuel da Égua, enlouqueceu com as torturas sofridas e está agora internado no Hospício Júlio de Matos; vários presos ficaram deformados fisicamente como os trabalhadores agrícolas António Farrica e Bizarra; a um indivíduo de Alcântara, Amadeu, empregado, foram queimados os olhos com pontas de cigarro

(continua na 2.ª pág.)



LUTEMOS PELA PAZ

NOTAS E COMENTÁRIOS

(continuação da 1.ª página)
postas ao seu serviço «no caso de necessidade», como Salazar o tem sublinhado. Esta uma forma tipicamente salazarista de servir os fomentadores de guerra americanos.

Na sua mente ainda deve estar presente a «recepção» que em 1952 o povo de Lisboa fez aos fomentadores de guerra, quando da reunião do Pacto do Atlântico em Lisboa. Então Salazar disse que o nosso País dispenderia com compromissos internacionais de ordem militar 1 milhão e 500 mil contos, sublinhando que o mais certo seria tal verba não vir a ser dispendida na sua totalidade. E o que se verificou? Que tal verba foi totalmente dispendida e até excedida e que hoje atinge já a soma brutal de 3 milhões de contos.

Os exercícios militares, navais e aéreos constantes, as missões, etc., consumiram milhões de contos nestes sete anos. Isto só prova que Salazar teima, contra a vontade do povo, em continuar com a mesma política, agravada agora com a possibilidade do estabelecimento no País de bases para foguetões com vista a atacar a U. Soviética e de mais países socialistas da Europa.

O que isto representa de perigos e horrores para o nosso povo é fácil de avaliar se pensarmos um momento nas consequências das represálias exercidas contra Portugal pelos países atacados.

Salazar e Franco que se conjuram para oprimir e dominar os dois povos da Península, conjugam agora igualmente os seus esforços para os atirar para o morticínio. O Papel da Península na «defesa» da Europa Ocidental foi um dos assuntos abordados em Novembro último na VI Conferência dos Estados Maiores Peninsulares. Que não se trata de defesa, mas sim de agressão é evidente.

De quem precedem os dois ditadores «defender» a Península? Dum ataque da União Soviética, como gritam aos 4 ventos? Conforme disse Nikita Kruchov: «Um Estado que destina cerca de 400 bilhões de rublos para a construção de habitações e de edifícios para os serviços públicos, que se propõe como objectivo a elevação considerável do nível de vida do povo é um Estado que se orienta para a paz e não para a guerra».

E que dizer de um Estado, como os Estados Unidos que destina mais de 50% do seu Orçamento para despesas de guerra senão que ele se orienta para a guerra e não para a Paz? E com ele todos os que lhe estão ligados por Pactos e tratados.

Aquela acção conjunta, criminosa, dos dois ditadores da Península, os dois povos podem e devem opor uma acção conjunta contra os seus maneios de guerra e morte. Isto foi recentemente sublinhado na «Declaração Conjunta» dos dois Partidos Comunistas de Espanha e de Portugal.

Tal como os povos de todo o Mundo, que se têm erguido contra o estabelecimento de bases nos seus países, o nosso povo pode e deve começar desde já a luta contra tal objectivo que é afinal a luta pela sua sobrevivência. As cartas, telefonemas, e postais às autoridades, imprensa, rádio, televisão, exigindo que os americanos saiam dos Açores e que não sejam construídas mais bases americanas no nosso País são

formas dessa luta.

As inscrições, as targetas, as marchas da paz de cidade para cidade, de vila para vila, de aldeia para aldeia, as reuniões grandes e pequenas em que estes problemas sejam levantados e discutidos, os inquéritos realizados nas empresas, oficinas, escritórios, escolas, repartições, ruas, praças de jorna, etc, cujo balanço interessa ir tornando públi-

co no País e no estrangeiro, a pressão sobre as autoridades locais (Presidentes das Juntas e Câmaras, Governadores Civis, etc.) para que esta ou aquela região do país sejam declaradas desatomizadas ou não sejam ali construídas bases militares — serão outras tantas formas de que o nosso povo não deixará de lançar mão para opôr a sua vontade de paz aos intentos de guerra de Salazar.

O AFASTAMENTO DE SALAZAR DO PODER

(continuação da 1.ª pág.)

É a esta luz que é preciso compreender os últimos acontecimentos políticos nacionais e traçar o caminho que mais rapidamente, e com menos prejuízos para a nação reintege o nosso país nas suas tradições progressistas.

É possível o afastamento de Salazar a curto prazo

Todos os acontecimentos da vida nacional na actualidade mostram que existem no nosso país condições objectivas para uma mudança de regime e para a saída de Salazar do poder.

Para se conseguir tais objectivos faltam apenas algumas outras condições que dependem exclusivamente da vontade e da iniciativa das forças anti-salazaristas.

O nosso povo está deseioso de lutar, de dar continuidade às grandiosas jornadas de Maio-Julho, e para isso quer apenas que lhe apontem o caminho. O afastamento de Salazar e da sua camarilha poderá verificar-se num prazo relativamente curto se antes de mais nada se abrir diante do nosso povo uma clara perspectiva de luta e, ao mesmo tempo, se estabeleça a necessária unidade de vistas e de acção entre as várias correntes anti-salazaristas.

Esta unidade de pensamento e de acção é indispensável para fazer convergir numa só direcção os esforços e vontades de milhões de portugueses. O momento exige a coordenação de todas as lutas de carácter político e reivindicativo, civis e militares, a mobilização de todo o povo para novas e mais vastas jornadas de luta. A preparação e organização destas jornadas devem resultar dum amplo entendimento entre os diversos sectores oposicionistas em torno de pontos mínimos comuns de acção.

O afastamento de Salazar do poder é um problema nacional e não uma questão que interessa somente a tal ou tal grupo ou facção política.

Não será, por isso uma acção militar, isolada do povo, desligada dum forte movimento de massas, que resolverá a situação política do país da maneira mais útil para a nação. Pelo contrário, o «putchismo», descartando as massas deste problema nacional, castra a energia revolucionária do povo e transfere para o terreno dos conluios de gabinete, onde os mais estranhos compromissos são possíveis, questões que interessam a toda a nação.

Neste perigoso terreno, o inimigo manobra à vontade, exerce a sua acção corruptora e prepara as suas forças para liquidar a Oposição.

Daqui, uma conclusão lógica se impõe: isoladas e dispersas as forças anti-salazaristas serão balizadas pelo inimigo comum; organizadas e unidas serão verdadeiramente fortes e invencíveis.

A unidade das forças anti-salazaristas é, pois, uma das condições essenciais para derrotar Salazar e conseguir o seu afastamento do poder num curto prazo.

A solução pacífica implica o recurso a formas superiores de luta

O Partido Comunista Português tem afirmado e afirma que é possível afastar Salazar do poder por meios pacíficos se toda a nação participar activamente na solução do problema político nacional.

Um levantamento nacional de carácter pacífico não exclui, antes pressupõe, a participação activa de civis e militares. Apesar de Salazar trabalhar afanosamente para lançar o país numa guerra civil, cujas consequências cairiam sobre ele e os que o apatasssem num tal caminho, é possível barrar-lhe o passo e impedir uma luta fratricida e violenta, danosa para o país, se todos os portugueses, civis e militares, conjugaem os seus esforços numa frente comum de luta.

A solução pacífica do problema político nacional implica a tomada de posição em relação a cada um dos problemas que preocupam o nosso povo e formas de luta concreta contra os diversos aspectos da política anti-nacional de Salazar.

A luta contra a repressão e por uma Amnistia política imediata; a luta por um recenseamento eleitoral honesto e pela realização das eleições para as Juntas de Freguesia, ilegalmente adiadas por Salazar; a luta contra as tentativas de ilegalização do MNI e as perseguições ao General Humberto Delgado; as lutas pelo aumento geral dos salários, contra as contribuições injustas, contra a discriminação do nosso comércio externo; a luta contra o estabelecimento de bases militares estrangeiras em território nacional e contra os elevados créditos de guerra, e outras, são partes diversas mas interligadas da luta geral da nação pela Paz, pela Democracia e pela sua Independência nacional que deve intensificar-se por todas as formas.

Salazar deve ser o alvo de todas estas lutas, as quais, levadas a formas superiores até às greves gerais políticas, abrirão o caminho para o seu rápido afastamento do poder sem efusão de sangue.

O papel da classe operária em todas estas lutas e acções será decisivo e fundamental.

Os «pobres desempregados» da administração salazarista lá vão arranjando uns «ganchozinhos» para se manterem. O Dr. Ulisses Cruz, ex-ministro da economia, foi nomeado Director da Caixa Geral dos Depósitos; o general Bernard Guedes, carrasco do povo guês, foi «deportado» para o Conselho de Administração da Companhia dos Diamantes de Angola; e pela sua que o sr. Santos Costa já enfiado com as estrelas de general tomara a sua conta o «pesado fardo» do «mandarimato» de Angola.

Por outro lado, o Dr. Teófilo Pereira recebeu do sr. Conde da Riba d'Ave a «caridosa oferta» dum lotezinho de bons cobertores.

Tudo isto é lógico... Os ministros que vão perdendo as pastas e ganhando as «pastas»; os que ficam bem precisos dum pouco de calor que os relampagos do gelo holeriano a que os votou o nosso povo.

Referindo-se à situação económica e política do País o Dr. Manuel Espírito Santo declarou há dias na Assembleia do Banco da família: «Precisamos de pôr de lado críticas fáceis, sem base, e simplesmente derrotistas...»

Pois claro Sr. Dr., nada de fazer ondas... Estas podem agitar o paraiso no qual V. Ex.ª espera socagadamente digerir os 50 de mil contos de lucros arrecadados pelo seu banco em 1958. Mas... cuidado com os dilúvios!...

BASTA!

(continuação da 1.ª pág.)

para o impedir de dormir.

É um rosário sem fim de torturas e suplicios que estão despertando a indignação do povo e que estão levantando contra Salazar mesmo certas pessoas que até à pouco o apoiavam. Vários sectores da imprensa estrangeira fazem-se eco dos protestos da opinião pública internacional onde o terrorismo policial de Salazar está causando a maior repulsa.

O «AVANTE» apela para que todo o povo português se levante e proteste contra as barbaridades da PIDE. Os crimes de Salazar devem encontrar a repulsa de todos os que têm no peito um coração sensível e humano.

Apelamos para aqueles que rodeiam Salazar e não se solidarizam com os seus crimes; apelamos para os altos dignitários da Igreja católica, que ainda há pouco se afirmaram sensíveis à situação do povo; apelamos para os deputados à Assembleia Nacional, para os intelectuais, para os directores dos jornais portugueses para todos os que podem influir no sentido de ser travada esta sangrenta senda de crimes.

O «AVANTE» apela igualmente para as organizações e a opinião pública internacional. Para a ONU, para a Cruz Vermelha Internacional, para a Associação dos Juristas Democráticos; para a Federação Sindical Mundial; para a Federação Internacional das Mulheres Democráticas, para os governos e representantes diplomáticos dos países democráticos, para os órgãos da imprensa mundial, para as pessoas pacíficas e progressistas de todo o mundo para que ergam as suas vozes contra a criminosa repressão salazarista.

Se por toda a parte se levantar o clamor de protesto contra as torturas, barbaridades e crimes de Salazar ele será obrigado a recuar.

O «AVANTE» denuncia as atrocidades da PIDE e passará a publicar os nomes dos torturadores e assassinos que as praticaram para que o nosso povo os não esqueça, entre os quais Porto Duarte, Fernando Gouveia e José Gonçalves se têm destacado.

Para que terminem as torturas de patriotas, afastemos do Poder o principal chefe desta quadrilha de criminosos — Salazar!

DADA A CAMPANHA DOS MIL CONTOS!

OS ESTIVADORES DE LEIXÕES E DO DOURO LUTAM POR AUMENTO DE SALÁRIOS

Os estivadores e lingadores dos portos de Leixões e Douro (ao todo 1.200 trabalhadores) apresentaram no seu Sindicato um pedido de aumento de salários de 20\$00, isto é, de 40\$00 para 60\$00, que é quanto ganham os estivadores do porto de Lisboa.

O Ministro das Corporações não autorizou este aumento. Indignados com isto todos os estivadores se uniram e resolveram «fazer cera» em apoio da sua reivindicação. Em consequência desta acção o rendimento de trabalho passou de 60 toneladas para 25, 20 e 15 toneladas nas 8 horas.

Muitos barcos, entre os quais o Mozamedes, o Amboim e o Horta, levaram mais 2 e 3 dias a descarregar do que é habitual. Os prejuízos são enormes, há quem fale em 500 e mesmo 1.000 contos.

Os descarregadores de mar e terra também reclamam aumento de salários e solidarizam-se com os estivadores. No dia 5 de Janeiro para a descarga de sacas de açúcar reclamaram e conquistaram 60\$00 nas 8 horas.

Há donos de cargas que estão dispostos a satisfazer a reivindicação dos estivadores pagando os 20\$00 de excesso como gratificação. Porém os estivadores não aceitam. Querem o «preto no branco», isto é, querem que o aumento seja oficializado pois só assim será permanente e influirá no Abono de Família.

Mantendo a sua unidade e firmeza os estivadores de Leixões e do Douro acabarão por conquistar o aumento que reclamam. A sua luta é um exemplo a seguir pelos trabalhadores portuários de Lisboa, Setúbal e outros portos.

MAIS DE 2.000 CORTICEIROS LEVANTAM-SE CONTRA OS DESPEDIMENTOS!

Depois de fortemente pressionado por cerca de 300 operários da MUNDET, que concentrados o aguardaram durante 2 horas, o Presidente do Sindicato dos Corticeiros do Seixal, acabou por revelar, no dia 30 de Dezembro, que o Ministro das Corporações assinara a autorização dos despedimentos. Em face disto e profundamente indignados os operários resolveram concentrar-se no dia seguinte junto da gerência.

No dia 31, logo ao entrarem na fábrica os operários manifestaram a sua indignação, a disposição de não permitirem despedimentos e como protesto reduziram a produção. Ante tal ambiente os encarregados não se atreveram a colocar os avisos com os nomes dos operários despedidos.

A hora do almoço, os operários de todas as secções, mais de 2.000, começaram a convergir para os escritórios onde se encontravam os gerentes. As operárias da secção dos discos gritavam «Vamos a eles, estes malandros querem matar os nossos filhos à fome!» Os gerentes recusaram-se a atender os trabalhadores o que aumentou a onda de indignação. «Fora! Fora! Chegou a hora! Distribuíram 1.300 contos de broas entre eles e a nós tiram-nos o trabalho e o pão!» — gritavam os operários. De roldão arrombaram as portas dos escritórios e avançaram para o gabinete do gerente Carvalho. Não o encontraram. Avançaram, então, para a sala onde os gerentes estavam reunidos. Estes mal pressentiram os operários fugiram por um guarda-vento sob uma chuva de tinteiros e de todos os objectos que os operários encontraram à mão. Um gerente foi agarrado pelas golas e castigado pela justiça do povo com várias bofetadas ao mesmo tempo que se ouviam gritos para que o lançassem pela janela.

Na rua surgiram, então, as forças repressivas (PSP e GNR) com o chefe Caldeira à frente. Este pedia calma. Os operários responderam-lhe: «Acabou-se a calma! Venha dizer que ninguém é despedido e já há calma.» Depois sem

almoçar retomaram o trabalho. Às 5 horas quando saíram, as ruas estavam cheias com GNR vinda de Almada, de metralhadoras e capacetes.

No dia 5 de Janeiro, 90 operários do SEIXAL voltaram a concentrar-se na Câmara onde pediram providências para a sua situação.

Na AMORA no dia 31 de Dezembro, 300 operários da MUNDET local foram à gerência protestar contra os despedimentos e desrespeitando as ordens de despedimento continuam a ir à fábrica.

Também no Montijo, no dia 31, 150 operários concentraram-se no Sindicato e pediram explicações sobre os despedimentos. Um funcionário disse-lhes que os patrões estavam autorizados a despedir. Os trabalhadores indignados dirigiram-se à residência do presidente da Câmara mas saltou-lhes ao caminho uma força da GNR da PSP e da PIDE que armados de metralhadoras e com capacetes de ferro forçaram os operários a dispersar.

Assim corajados nas forças repressivas e com a concordância do governo, os patrões estão a tirando para o desemprego centenas e centenas de operários. No Montijo já foram despedidos mais de 250, contra o que protestaram 350 operários concentrados diante da Câ-

Lutas camponesas

Em Ervedal, um rancho de homens e mulheres que foram à apanha da azeitona, recusaram-se a trabalhar de empreitada e pediram 25\$00 para os homens e 15\$00 para as mulheres. No sábado o empregador queria pagar apenas aos homens 18\$00 e às mulheres 11\$00. Todos se recusaram a receber e disseram que se iam embora. Ante esta firmeza o empregador acabou por ter de andar de porta em porta a pagar o salário que os trabalhadores pediram.

Em Avis, um grupo de trabalhadores que andava em serviço numa estrada foi despedido. prontamente todos os trabalhadores foram à Câmara reclamar contra o despedimento. Depois de uma 2.ª concentração na Câmara conseguiram todos ser readmitidos.

abastecimento público.

Em alguns concelhos do Norte do país, por exemplo, as contribuições sobre os pequenos retalhistas aumentaram de 400 a 500\$00 e alguns mais modestos armazenistas de mercearia chegam a pagar mais 5 contos. Fala-se igualmente de grandes aumentos na contribuição predial sobre a pequena e média propriedade rústica.

O gasóleo foi aumentado \$30 em litro o que atinge especialmente os transportes rodoviários que mais de perto servem o público. Um taxi da praça de Lisboa gastará, por exemplo, mais 3 contos por ano (adeus baixa de tarifas!) e uma pequena camionete de carga mais 2 contos.

Todas estas manobras especulativas e medidas governamentais influirão, e influem já, no mecanis-

mo da alta dos preços e na situação dos que vivem exclusivamente do seu trabalho.

CONQUISTEMOS O AUMENTO GERAL DOS SALÁRIOS!



Está cada vez mais claro que o governo não concederá qualquer aumento de salários aos operários industriais e agrícolas se a isso não for obrigado pela luta.

No momento presente os trabalhadores da cidade e do campo devem travar a luta para arrancar do patronato e do governo não sómente um aumento imediato e geral dos salários, jornas e ordenados como para que esse aumento seja dado, pelo menos, na mesma escala do que foi dado ao funcionalismo.

A luta deve ser travada nas empresas, herdades e escritórios mas também, e simultaneamente, junto dos Sindicatos, das Casas do Povo e dos Pescadores; do Ministro das Corporações, do INT e outras autoridades. Há que exigir a revisão dos contratos colectivos e o estabelecimento doutros livremente discutidos e aprovados pelos trabalhadores. Nas aldeias e regiões rurais os assalariados agrícolas devem reunir-se nas Casas do Povo e reclamar contratos colectivos que lhes garantam um salário mínimo de acordo com o custo de vida e trabalho assegurado.

A luta das classes trabalhadoras sob todas as formas — desde as exposições e as concentrações até às greves — será o único argumento capaz de se fazer ouvir pelo patronato e pelo governo. Sabe-se que muitos patrões estão dispostos a aumentar mas que disso são impedidos pelo próprio governo. Só a luta unida, firme e organizada obrigará uns e outros a ceder às justas reivindicações dos trabalhadores.

Salazar é o principal obstáculo para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores. Exijamos o seu afastamento do Poder!

O GENERAL HUMBERTO DELGADO NÃO DEVE SAIR DE PORTUGAL

O pedido de asilo político do General Humberto Delgado à Embaixada do Brasil é, antes de mais nada, o resultado das perseguições movidas pelo governo contra aquele oficial general.

Salazar tudo tentou para expulsar do país o homem que os portugueses escolheram inegavelmente para a Presidência da República e para o eliminar da vida política nacional. Só a luta do nosso povo conseguiu impedir esses intentos. Presentemente o governo tudo faz para que aquele oficial siga o caminho do exílio embora conspire com a reacção brasileira para que ele não vá para o Brasil onde pode mobilizar mais activamente contra o regime salazarista a numerosa colónia portuguesa.

O Partido Comunista coerente com a posição que assumiu quando Salazar quis deportar para o Canadá o candidato independente pensa que se deve lutar para que ele não saia de Portugal. O lugar do Sr. General é no país, junto do povo que o aclamou e elegeu e que é suficientemente capaz de o defender das perseguições e violências de

Salazar. A sua saída para um país estrangeiro não serviria a causa anti-salazarista nem o povo português.

Presentemente só a luta pode impedir a sua expulsão do país e arrancar do governo a garantia de que o Sr. General pode regressar ao seu lar e ao convívio dos seus concidadãos, sem receio de novas perseguições e violências.

O capitão Galvão CONQUISTOU A LIBERDADE

Foi com grande alegria que o nosso povo acolheu a notícia da fuga do capitão Henrique Galvão.

O «Avante!» saúda este destacado anti-salazarista, que duramente torturado através dum encarceramento de 8 anos, soube manter-se firme na oposição a Salazar.

A libertação do Capitão Galvão pelos seus próprios meios serve a causa da liberdade em Portugal e é uma vitória das forças anti-salazaristas.



O socialismo em marcha

O XXI CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA ABRE O CAMINHO PARA A PAZ MUNDIAL

Três anos se passaram desde a realização do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Foram 3 anos cheios de acontecimentos notáveis e decisivos para o futuro da humanidade.

O papel da União Soviética e do Partido Comunista da União Soviética neste acontecimento foi de tal forma importante, o seu prestígio internacional cresceu em tais proporções, que, nas vésperas do XXI Congresso do P. C. U. S., muitos milhões de pessoas de toda a Terra, fosse qual fosse a sua classe e as suas ideias, tiveram os olhos postos nesta grandiosa assembleia.

A imprensa burguesa e reacçãoária, entre ela, a imprensa salazarista, para desviar as atenções das pessoas dos assuntos fundamentais que o Congresso abordou — o Programa da ulterior construção da sociedade comunista na U. R. S. S., de um novo ascenso da economia, da cultura e do bem estar dos trabalhadores, tentou empanar com a lama das suas penas o brilho e a amplitude dos caminhos rasgados pelo XXI Congresso do P. C. U. S. Tentativa inútil. A vastidão e ressonância dos problemas em que o XXI Congresso se deteve dominaram completamente esta manobra de pigneus. As pessoas simples perguntam a si próprias, cada vez mais, se será por acaso que o povo que consegue tantas vitórias e que iniciou, com o novo Plano septenal, um novo período da História da Humanidade — o período da construção resoluta da sociedade comunista — é o mesmo que iniciou no

Mundo uma nova era — a era cósmica — ao rasgar nos espaços siderais a primeira estrada de origem humana com o primeiro planeta artificial do Sol. E a resposta a esta pergunta não é, de forma alguma, favorável ao sistema e ideologia capitalistas.

Plano sem paralelo na História pela sua grandiosidade e amplitude, o Plano Septenal, aprovado pelo XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética, representa um grande triunfo das ideias do marxismo-leninismo e um inestimável apoio e ajuda à luta do nosso povo contra a opressão e a tirania salazaristas, pela Democracia, a Paz e o Socialismo. O desafio pacífico lançado pela União Soviética ao mundo capitalista para a competição económica em paz, entre os dois sistemas — capitalista e socialista — é mais uma expressão da política leninista pacífica da URSS. Ela encontra um eco favorável no coração dos homens e mulheres de todo o mundo. Ao propôr-se num prazo historicamente curto (12 anos ou menos) alcançar e ultrapassar os países capitalistas mais desenvolvidos quanto à produção por habitante, a União Soviética, terá contribuído numa forma decisiva para a eliminação da guerra como meio de solução dos problemas internacionais.

Como disse N. Kruchov: « Quando a URSS se transformar na primeira potência industrial do mundo, quando a República Popular da China se transformar numa grande potência indus-

trial mundial a situação internacional modificar-se-á radicalmente. A nova correlação de forças será tão evidente que, mesmo os imperialistas mais obstinados compreenderão quão desesperada será qualquer tentativa de desencadear a guerra contra o campo socialista. »

No nosso País vai-se tornando cada vez mais difícil para os salazaristas convencer as pessoas de que a política de paz da URSS não coincide com os interesses de toda a Humanidade e, portanto, também do nosso povo. As propostas apresentadas por Nikita Kruchov, entre elas a da cessação imediata das experiências com as armas atómicas e nucleares e com foguetões, não podem deixar de merecer a aprovação do povo português. O nosso povo seguiu com emoção e

interesse os trabalhos do Congresso, no qual viu uma esperança e uma ajuda para a solução dos seus angustiosos problemas.

No nosso País, como em todo o Mundo, a política externa da URSS de salvaguarda da paz mundial, de defesa da igualdade das nações e de oposição à agressão imperialista é um poderoso factor de robustecimento da luta das forças democráticas do nosso País, pela Paz pela independência nacional e contra o imperialismo estrangeiro.

Nos trilhos rasgados pelo povo soviético sobre a terra e nos espaços siderais, o nosso povo vê a garantia de que as esperanças por ele depositadas no grande país do socialismo triunfante e na sua firme política de paz são e serão fundadas, de que o futuro pertence às forças da paz, do socialismo e da Democracia.

DOIS FILHOS DO POVO QUE TOMBAM NA LUTA

MARIA HELENA MAGRO
E HERMENEGILDO CORREIA

A história da luta clandestina do Partido Comunista Português contra a tirania salazarista está repleta de episódios legendários que ilustram a firmeza e a dedicação sem limites de heróicos comunistas à sua classe, ao seu povo, ao seu Partido. Alguns têm tombado corajosamente, silenciosamente, no seu posto de combate com a mesma simplicidade e abnegação com que se deram totalmente à luta.

Maria Helena Magro e Hermenegildo Correia são dois desses abnegados lutadores. Só agora é possível ao « AVANTE » trazer ao conhecimento do povo português a morte desses dois seus filhos.

Maria Helena Magro, ainda estudante universitária, cedo revelou a sua disposição de luta contra a opressão salazarista. Profundamente dedicada à causa das classes trabalhadoras, da juventude e das mulheres portuguesas participou nas greves académicas de 1941 e depois numa larga acção legal através da imprensa, de palestras, de cursos de cultura popular e de diversas organizações de massas de Lisboa. Tendo ingressado no Partido em 1943 foi chamada ao seu quadro de funcionários em 1945. Sofrendo já do mal que mais tarde havia de vencê-la, manteve-se até ao último minuto corajosa, simples e profundamente modesta, coerente com estas suas palavras: « A luta é dura, mas a grandeza da causa que defendemos e a certeza da sua vitória nos darão força necessária para não fraquejarmos seja em que transe for. »

O « AVANTE », « O MILITANTE » e a restante imprensa do Partido dela receberam intensa e valiosa colaboração.

Hermenegildo Correia, natural de Salvada, Beja, como ferroviário das oficinas do Barreiro lutou à

frente da sua classe contra a exploração dos tubarões da CP. Chamado ao quadro de funcionários do Partido em 1953 deu uma positiva contribuição ao alargamento das organizações que lhe estavam confiadas. Vítima dum brutal acidente de viação, a PIDE não permitiu até hoje que a viúva de Hermenegildo Correia regularizasse a sua situação legal. Assim é com outro nome que está sepultado e a polícia impede que a viúva se considere como tal com os prejuízos legais que derivam para si e para a educação dos seus filhos.

O Partido Comunista e o « AVANTE » inclinam as suas bandeiras à memória destes dois valerosos camaradas e apontam a todos os militantes o seu belo exemplo de abnegação e coerência revolucionárias.

OS PESCADORES DE BACALHAU QUEREM NOVAS CONTRATAS

Para diminuírem a brutal exploração de que são vítimas e a miséria que reina nos seus lares, os pescadores do bacalhau lutam para que lhe sejam pagos à partida, e de avanço pelos 6 meses, 7.000\$00 em vez dos 5.000\$00 que lhe pagam actualmente, 50\$00 por cada quintal pescado e limitação do período de pesca na Gronelândia até 10 de Setembro, voltando novamente à Terra Nova em fins de Setembro, reivindicações porque já lutaram durante a greve a que recorreram na safra passada.

Para desorganizar esta luta os armadores comandados pelo tubarão salazarista Henrique Tenreiro anteciparam a saída dos bacalhauiros. Mesmo assim os pescadores de Póvoa de Varzim, Caxinas, Vila do Conde e Viana do Castelo, entre outros, entregaram ou fizeram chegar exposições assinadas pela classe e dirigidas ao ministro, aos armadores e às capitães, onde inscrevem aquelas reivindicações insistindo sobretudo nos 7.000\$00 de avanço e nos 50\$00 por quintal.



TRIBUNA DO LEITOR

Obras Salazaristas

É sobejamente conhecida de todos os portugueses a incapacidade do governo fascista de Salazar e seus técnicos para resolver os problemas que a vida nacional lhes apresenta. Está neste caso a já célebre obra do rio Liz, que, segundo o projecto inicial, se propunha resolver o problema da irrigação de todo o val do Liz, desde Leiria até à foz e que não conseguiu mais do que criar toda uma série de dificuldades aos proprietários e rendeiros.

« A Voz de Domingo » — semanário cábilico que se publica em Leiria — de 16-XI-58, ao relatar a reunião da Associação de Regantes e Beneficiários do Val do Liz, escreve: « focou-se a angustiada situação dos lavradores do Vale do Liz que anteriormente à realização da obra regavam em melhores condições que actualmente e que têm recentemente aumentados os seus encargos com pesadas taxas de exploração e conservação. » E mais adiante acrescenta: « Foi mais uma vez reconhecida a ilegalidade da cobrança de taxas, tal como vem sendo efectuada pelos serviços hidroútils, por os mesmos pretenderem cobrir as despesas com a manutenção da obra sem apóio num estudo económico actualizado... »

Como sempre é o povo a pagar os erros duma governação que leva mais em conta a « fachada » das suas obras do que o seu aspecto prático e aproveitável. E assim temos uma obra (com metáscula) que mereceu ser inaugurada pelo Presidente da República e onde os camponeses são forçados a ignorar a presença dos guardas e tomarem a iniciativa de abrir a água para não verem as culturas perdidas. Houve muitos casos de regantes que defenderam a água « cortada » para a sua terra de enxada em punho, e só assim conseguiram regar.

E progressão à fascista, numa obra que durou quase 10 anos a executar!

Só mesmo quando todos os portugueses

prejudicados pela governação fascista do Salazar se unirem e lutarem contra a sua política traidora é que coisas destas deixarão de acontecer.

Um leiriense

Quem são os ladrões?

Na empresa onde trabalho, Sociedade Industrial de Borracha, L^a, da Venda Nova (Amadora) há já algum tempo que estão submetendo os operários e operárias à repugnante acção de tipo repressivo policial (como faziam os nazis na Alemanha) obrigando os operários e operárias a despirem-se e a descalçarem-se à saída da fábrica para os revistarem.

Esta vergonhosa medida (que mais uma vez confirma o adágio popular de que os bons julgadores por si se julgam) é uma ofensa à nossa dignidade de trabalhadores honestos que não podemos tolerar que se mantenha.

Têm havido os mais variados protestos, quer junto dos gerentes, quer através de inscrições nas paredes das reitres, como estas:

- Despir!... Despir!...
- Quem são os ladrões?...
- São os patrões que nos roubaram 3 horas na semana finda em 1-11-58.
- Ladrões são os que nos pagam um salário de fome!

É verdade que os nossos protestos já obrigaram a gerência a recuar um pouco na sua indigna atitude, mas só com a união de todos nós, em volta dum comissão de trabalhadores honestos e corajosos, poderemos obrigar a gerência a cessar total e imediatamente esta afronta à nossa dignidade, bem como outras arbitrariedades a que constantemente estamos submetidos.

Camaradas! Unidos venceremos o terror! Camaradas! Unidos defenderemos a nossa dignidade e faremos com que nos respeitem!

Camaradas! Unidos conseguiremos conquistar um aumento de salários para podermos fazer face ao actual custo da vida!

Um operário